

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

José Eduardo Gomes direção musical

04 e 05 jan 2025 · 18:00 Sala Suggia



anos
casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



Franz von Suppé

Abertura *O Poeta e o Aldeão* (1846; c.10min)

Johann Strauss II

Tritsch-Tratsch Polka, op. 214 (1858; c.3min)

Piotr Ilitch Tchaikovski

“Valsa das Flores”, do bailado *O Quebra-Nozes* (1892; c.8min)

Bedřich Smetana

“Dança dos Comediantes”, da ópera *A Noiva Vendida* (1866; c.5min)

Johann Strauss II

Valsa do Imperador, op. 437 (1888; c.11min)

Annen-Polka, op. 117 (1852; c.3min)

Franz Lehár

Valsa Ouro e Prata, op. 79 (1902; c.8min)

Johann Strauss II

Tik-Tak Polka, op. 365 (1874; c.3min)

Concerto de Ano Novo

Porventura com origens mais recuadas, o primeiro concerto de Ano Novo de Viena com o formato que ainda hoje se mantém decorreu no último dia do ano de 1939, no Musikverein, pela Orquestra Filarmonica de Viena dirigida por Clemens Krauss. Exclusivamente com obras de Johann Strauss II, o concerto foi uma ocasião festiva apresentada como escape à realidade da guerra e para animação das Forças Armadas. No fundo, foi um evento com uma motivação ideológica óbvia de aclamação de um passado nacional glorioso que, nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial, se dispersou de grande parte da memória colectiva. A tradição de Ano Novo que hoje persiste iniciou-se, contudo, a 1 de Janeiro de 1941, num chamado “concerto especial”.

Seguindo sensivelmente sempre o mesmo esquema, com cerca de doze obras, entre valsas, polcas e marchas, principalmente da família Strauss — não faltando, muitas das vezes, a *Marcha Radetsky* de Johann Strauss I ou o *Danúbio Azul* de Johann Strauss II como *encorres* —, o concerto tem sido feito, desde então, todos os anos em Viena. O modelo foi replicado um pouco por toda a Europa nas grandes salas de concerto, sempre com especial enfoque na valsa e na tradição oitocentista vienense de divertimento oficial da corte. Foi precisamente nesse contexto social que, ao longo do século XIX, danças como a valsa e a polca foram celebrizadas, acabando por extravasar rapidamente os limites físicos do salão de baile, tornando-se segmento fundamental de operetas vienenses e bailados, e garantindo ainda um lugar privilegiado nos vários géneros de música “meramente” instrumental.

Tanto a figura de Johann Strauss II (1825-1899) como a valsa são centrais neste programa, destacando-se também outros compositores e outras peças e danças, independentes ou secções de obras maiores, como a opereta e o bailado. O concerto inicia-se, contudo, com uma abertura, *O Poeta e o Aldeão*, do austríaco **Franz von Suppé** (1819-1895), compositor que se dedicou maioritariamente ao universo teatral, seja ópera, opereta, ou música para comédias e farsas, não deixando de compor danças independentes e outros géneros orquestrais. *O Poeta e o Aldeão* teve a sua estreia em Agosto de 1846 como música incidental, neste caso como abertura para a comédia homónima de Karl Erlmer no Theater an der Wien. Mais tarde, após a morte de Suppé, a abertura foi transformada numa opereta em três actos, completada com obras do mesmo compositor. No entanto, continua a ser-nos maioritariamente apresentada como peça autónoma.

A primeira obra de **Johann Strauss II** interpretada neste concerto é a famosa polca *Tritsch-Tratsch* (op. 214), escrita em 1858 e estreada em Novembro desse mesmo ano, em Viena, tornando-se imediatamente uma das polcas de Strauss mais tocadas e ouvidas por toda a Europa. Talvez como crítica de costumes, o compositor intitulou-a a partir do hábito de “tritsch-tratsch” — bisbilhotice ou mexericos — entre a elite vienense, prática representada na música pelas variações e diálogos entre instrumentos ou grupos de instrumentos, pela rapidez de movimentos e pela percussão efusiva e festiva.

Já a “**Valsa das Flores**” é parte de uma obra maior, pertencente ao cânone da música erudita romântica e particularmente associada à época natalícia: *O Quebra-Nozes*. Este é o bailado mais curto e o último de **Piotr Ilich Tchaikovski** (1840-1893), terminado em 1892 e estreado em Dezembro desse mesmo ano no Teatro Mariinski de São Petersburgo — momento em que o seu êxito futuro não se fez propriamente prever. A partir de um conto de E.T.A. Hoffmann (1776-1822), *O Quebra-Nozes e o Rei dos Ratos*, Tchaikovski engendrou momentos narrativos para danças características, quer pela utilização de timbres específicos (como a celesta, que confere um carácter de delicadeza e transparência à “Dança da Fada do Açúcar”), quer no recurso a linguagens rítmicas, melódicas ou harmónicas estereotipicamente associadas a outras nacionalidades (como a “Dança Espanhola: chocolate”; a “Dança Árabe: café”; ou a “Dança Chinesa: chá”), atestando assim o fascínio romântico pelo que era então considerado exótico e longínquo. No bailado, a “Valsa das Flores” surge no final do passeio das personagens principais, Clara e o Príncipe, pelo Reino dos Doces, precedendo um *pas-de-deux* e uma apoteose final.

Do compositor checo **Bedřich Smetana** (1824-1884), escutaremos a “**Dança dos Comediantes**”. Smetana notabilizou-se pela sua ligação ao ressurgimento da identidade checa ou boémia, destacando-se tanto na ópera como na música orquestral (o ciclo sinfónico *Má Vlast* é das maiores provas da sua busca identitária, retratando a paisagem boémia e constituindo um dos maiores contributos para o seu reconhecimento como “pai da música checa”). A “Dança dos Comediantes” faz parte de uma das suas óperas mais (re)conhecidas, *A Noiva Vendida* (*Prodaná nevěsta*, em checo), em três

actos. Estreada em 1866, sem grande sucesso, foi revista em 1870, numa versão que alcançou muito mais popularidade. Com poucas citações directas do folclore boémio, mas a nítida intenção de criar uma ópera identitária e nacional, Smetana usa uma linguagem folclorizante, evocando em vários momentos o ambiente rural boémio, a actividade dos artistas itinerantes e a prevalência do amor verdadeiro face à ambição de terceiros.

Obra totalmente auto-suficiente e não integrante de qualquer opereta ou bailado é a **Kaiser-Walzer** (op. 437), também de **Johann Strauss II**. Composta e estreada em 1889, foi escrita como símbolo de brinde ou de amizade entre o Império Austro-Húngaro e a Prússia, sendo, por isso, também designada como *Valsa do Imperador*, não aludindo, deste modo, a nenhum dos monarcas em particular. Como muitas das valsas de Johann Strauss II, inicia-se com uma introdução solene, neste caso concreto uma homenagem à marcha prusiana, seguindo-se, em várias secções, a valsa vienense. Esta representação geográfica contrastante simboliza a união entre as duas potências políticas. Uma vez mais, estabeleceu-se neste programa a variedade dentro da música centro-europeia oitocentista com a introdução de outras danças, como é, aliás, apanágio de todos os concertos de Ano Novo.

Segue-se, também de **Johann Strauss II**, a polca **Annen** (op. 117), composta em 1852. Tal como a valsa, a mazurca e outras danças, a polca celebrou-se na Europa Central no século XIX, derivando o seu nome quer de passos e saltos característicos da dança, quer de uma menção carinhosa à Polónia, referindo-se “polca” à língua ou à mulher polaca, numa homenagem à revolta daquele país contra a

Rússia em 1830-31. A polca tornou-se ainda mais célebre em praticamente toda a Europa e nos Estados Unidos da América sobretudo a partir do desenvolvimento das primeiras gravações fonográficas, que permitiram a audição e fruição em contexto doméstico, excedendo assim os salões de baile e salas de concerto. No que concerne a esta peça específica, foi escrita por encomenda em Julho de 1852. Tal como houvera sucedido com o seu pai, Johann Strauss II foi convidado para escrever para o Festival de Santa Ana, em Viena, derivando do nome da festividade o título da dança. A polca *Annen* é muitas vezes tocada como *encore*, por ser breve e extremamente conhecida.

Ao contrário de algumas peças de Johann Strauss II, a ***Valsa Ouro e Prata*** (op. 79), de **Franz Lehár** (1870-1948), não teve sucesso imediato quando estreou a 27 de Janeiro de 1902, num baile com esse mesmo tema (“ouro e prata”) organizado pela princesa Metternich (1836-1921), para o qual foi composta por encomenda. Esta figura da elite austríaca do século XIX fez-se rodear, ao longo de toda a sua vida, de artistas e intelectuais promissores, tendo sido, na verdade, uma das grandes promotoras em Viena de compositores do seu tempo como Lehár, Wagner e Smetana (foi, aliás, a responsável pela estreia vienense da previamente mencionada ópera *A Noiva Vendida*, de Smetana). Franz Lehár distinguiu-se por uma grande dedicação à ópera e opereta, mas também pela composição prolífica de marchas e valsas, e é hoje muitas vezes equiparado a Johann Strauss II, criativa e historicamente. Apesar da indiferença inicial, a *Valsa Ouro e Prata* conheceu o sucesso depois da sua edição em partitura, logo no ano seguinte.

O concerto termina com a enérgica e breve polca ***Tik-Tak*** (op. 365) de **Johann Strauss II** que, tal como outras obras integradas neste concerto, não foi originalmente concebida como peça autónoma. Neste caso, constitui um dos seis temas da terceira opereta de Johann Strauss II, *O Morcego* (*Die Fledermaus*), que o compositor decidiu orquestrar além do contexto músico-teatral. O título deve-se a um dos momentos-chave do enredo cómico e da música do segundo acto desta opereta de enganos, ciúme e armadilhas: o dueto do relógio de Eisenstein e Rosalinde, contendo também motivos de outros momentos da partitura. *Die Fledermaus* teve a sua estreia a 5 de Abril de 1874 no Theater an der Wien, tornando-se das operetas mais conhecidas do compositor e até hoje uma das mais recuperadas em teatros de ópera de toda a Europa. A polca *Tik-Tak* surgiu pela primeira vez em concerto no mês de Setembro desse mesmo ano.

ISABEL PINA, 2025*

* A autora não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

José Eduardo Gomes

direção musical

José Eduardo Gomes foi recentemente laureado com o 1.º prémio na European Union Conducting Competition, tendo ganho igualmente o Prémio Beethoven no mesmo concurso. É professor na Escola Superior de Música de Lisboa, onde trabalha com as várias orquestras. Foi maestro titular da Orquestra Clássica do Centro, maestro associado da Orquestra Clássica do Sul, maestro titular da Orquestra Clássica da FEUP, professor na Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo (ESMAE), maestro titular do Coro do Círculo Portuense de Ópera e maestro principal da Orquestra de Câmara de Carouge (Suíça).

Iniciou os estudos de clarinete em Vila Nova de Famalicão, a sua cidade natal, na Banda de Música de Famalicão. Prosseguiu-os na ARTAVE e na ESMAE, onde se formou na classe de António Saiote, tendo recebido o Prémio Fundação Eng.º António de Almeida. Mais tarde, frequentou a Haute École de Musique de Genève (Suíça), estudando direção de orquestra com Laurent Gay e direção coral com Celso Antunes.

José Eduardo Gomes é membro fundador do Quarteto Vintage e do Serenade Ensemble. Foi laureado em diversos concursos, destacando-se o Prémio Jovens Músicos (categorias de clarinete e música de câmara) e o Concurso Internacional de Clarinete de Montroy (Valência). É igualmente laureado do Prémio Jovens Músicos, na categoria de direção de orquestra, onde recebeu também o prémio da orquestra.

Nos últimos anos, tem sido convidado para trabalhar com as principais orquestras portuguesas, atuando nos mais destacados festivais de música portugueses com solistas como Maria João Pires, Diemut Poppen, Sebastian

Klinger, Bruno Giuranna, Artur Pizarro, Natalia Pegarkova e Adriana Ferreira, entre outros. Na temporada 2023/24, teve concertos em Portugal, França, Bulgária e Hungria.

Participou em produções de óperas como *Don Giovanni* e *Così fan tutte* (Mozart), *Lo Speziale* (Haydn), *La Donna di Genio Volubile* (Marcos de Portugal) e *Os Noivos* (Francisco de Noronha). Recentemente foi diretor musical da nova produção da Companhia Nacional de Bailado, *Alice no País das Maravilhas*, com a Orquestra Sinfónica Portuguesa. Foi igualmente diretor musical da ópera *Blimunda*, de A. Corghi, com libreto de José Saramago, numa nova produção do Teatro Nacional de São Carlos, assim como da nova produção da ópera *Trilogia das Barcas*, de Joly Braga Santos. Outra parte importante do seu trabalho é dedicada a orquestras de jovens, um pouco por todo o país. É diretor artístico da JOF — Jovem Orquestra de Famalicão.

Em 2018 foi agraciado com a Medalha de Mérito Cultural pela Cidade de Vila Nova de Famalicão.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vasily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Sylvain Cambreling, David Robertson, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt. Tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Colónia, Munique, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil. As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e Vasco Mendonça.

A presente temporada explora os cruzamentos de linguagens, das raízes ibéricas ao romantismo tardio de Wagner e Mahler, dos grandes sinfonistas russos a uma estreia da Sofia Gubaidulina, da sensibilidade ecológica de Liza Lim (Compositora em Residência 2025 com a estreia nacional do *Tríptico da Anunciação*) ao orientalismo de um concerto para gamelão de James Tenney. Somam-se

ainda referências à música de dança (Gabriel Prokofiev), ao jazz (Igor C Silva), à poesia persa medieval (Szimanowski) e à cultura eslava (*Missa Glagolítica* de Janáček). Ao longo do ano, merece destaque a comemoração dos 25 anos da formação sinfónica da Orquestra e um ciclo dedicado aos Grandes Concertos de Tchaikovsky, contando com os solistas convidados Júlia Pusker (violino), Yeol Eum Son e Claire Huangci (piano), e Pavel Gomziakov (violoncelo).

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofiev, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 celebrou os 50 anos do 25 de Abril com a estreia mundial de uma encomenda a Daniel Moreira, num ano em que apresentou novas obras de Luís Tinoco e António Pinho Vargas, mas também música portuguesa de outras épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça e vários títulos de Emmanuel Nunes.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

Violino I

Álvaro Pereira
Tünde Hadadi
Evandra Gonçalves
José Despujols
Jorman Torres
Vadim Feldblioum
Emília Vanguelova
Maria Kagan
Vladimir Grinman
Andras Burai
Maxence Mouriès*
Matilda Mensink*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Catarina Martins
José Paulo Jesus
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
Domingos Lopes
Pedro Rocha
Mariana Costa
Nikola Vasiljev
Raquel Santos*

Viola

Mateusz Stasto
Anna Gonera
Rute Azevedo
Biliana Chamlieva
Hazel Veitch
Emília Alves
Teresa Macedo Ferreira*
Rita Costa*

Violoncelo

Vicente Chuaqui
João Cunha
Sharon Kinder
Michal Kiska
Hrant Yeranossyan
Bruno Cardoso

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Nadia Choi
Joel Azevedo
Altino Carvalho

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Roberto Henriques
Tamás Bartók

Clarinete

Carlos Alves
João Moreira

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner

Trompa

Nuno Vaz
Hugo Sousa
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro
Eddy Tauber

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo

Trombone

Dawid Seidenberg
Ricardo Pereira*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões

Harpa

Ilaria Vivan

*instrumentistas convidados

Operação Técnica**Iluminação**

Rui Pinto Leite

Palco

Carlos Almeida
José Torres

Próximos concertos

05+12.01 DOM 10:00 E 11:30 SALA DE ENSAIO 2

Estação Casa da Música

serviço educativo | primeiras oficinas

Bruno Estima e Paulo Neto formadores

07.01 TER 21:00 SALA SUGGIA

Francisco Costa

ciclo piano

Alexander Scriabin, Sergei Rachmaninoff e Sergei Prokofieff

08.01 QUA 21:00 SALA SUGGIA

Como Um Só

concertos escolares

Tuna de Perosinho

Escola de Música de Perosinho

promotor: Escola de Música de Perosinho

10.01 SEX 10:00 SALA SUGGIA

Ensaio Aberto

serviço educativo

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

10.01 SEX 21:00 SALA SUGGIA

Cruzamentos Ibéricos

caminhos cruzados

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Julio García Vico direção musical

Raúl da Costa piano

Obras de **Francisco de Lacerda, Manuel de Falla, Maurice Ravel**
e **Nikolai Rimski-Korsakoff**

11.01 SÁB 22:00 SALA SUGGIA

David Bruno

música popular

promotor: Match Attack

12.01 DOM 18:00 SALA SUGGIA

Triplo de Bach

caminhos cruzados | grandes concertos triplos

Orquestra Barroca Casa da Música

Mahan Esfahani cravo e direção musical

Jane Gordon violino

Marta Gonçalves traverso

Obras de **Carl Heinrich Graun, Frederico II, Johann Sebastian Bach, Johann Gottlieb Janitsch e Carl Philipp Emanuel Bach**

13+20+27.01 SEG 17:30

O Piano: Uma História Milenar

serviço educativo | formação | 16.º curso livre de história da música

Nuno Caçote

14.01 TER 19:30 SALA SUGGIA

O regresso de Steve Reich

caminhos cruzados | portrait Liza Lim

Remix Ensemble Casa da Música

Synergy Vocals

Peter Rundel direção musical

Digitópia eletrónica

Wu Wei sheng

Obras de **Sarah Nemtsov, Liza Lim e Steve Reich**

18.01 SÁB 15:00 SALA 2

Como Anoitecer um Pirlampo, Segundo o Dr. Qwrtzfgtlvskh

serviço educativo | nossos concertos

Mário João Alves conceção artística, guião e encenação

Ópera Isto! coprodução e interpretação

18.01 SÁB 18:00 SALA SUGGIA

World as Lover

caminhos cruzados | portrait Liza Lim

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direção musical

Tamara Stefanovitch piano

Sérgio Pacheco trompete

Obras de **Léo Delibes, Camille Saint-Saëns, Liza Lim, Arturo Márquez, B. A. Zimmermann e George Gershwin**

MECENAS CASA DA MÚSICA

